

Miette

(Menção Honrosa – Categoria B Prémio Utopia para Conto Literário)

Citação: Miette, "Uma Galáxia De Utopias", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

"Quem sabe faz a hora, não espera acontecer" Fernando Pessoa

Viver.

Não envelhecer. Não adoecer. Nem sofrer. São desejos válidos de se ter.

Desejos soluçados pela trepidação do autocarro sobre o asfalto: um mesmo percurso gasto e repetido nos dias todos os dias todos os autocarros mas nem todos os passageiros, de cabeça encostada ao vidro, a pensar – não envelhecer, não adoecer, não sofrer. Um mundo mais equilibrado. Menos disparidades. Menos violência – paz. O fim da fome, o fim da guerra. Nem todos os passageiros de cabeça contra o vidro, só querendo chegar a casa, mais descanso, mais companhia, o fim de mais um dia de trabalho. Mas a cabeça ainda contra o vidro e o autocarro ainda soluçante e ainda pensamentos como não adoecer, não sofrer, o fim da fome, o fim da guerra, o fim da carreira – menina, menina! Acorde – é o fim da carreira, tem de sair! O autocarro pernoita aqui. Apanhe um táxi. Seria o fim das minhas poupanças.

Tudo o que faz um táxi fazem os meus pés.

Pensa, como quem resolve caminhar. Nomeia o pé direito "TA" e o esquerdo "XI" e segue no escuro entoando *ta-xi-ta-xi-ta...* como um tantra tibetano que ressoa no espírito e faz a terra rolar mais rápido por debaixo dos pés. Valia-lhe a Lua como plateia, iluminando-a cheia, por entre o descampado vazio. Pensa, táxi, lua, tempo, carreira, vidro, menos disparidades – como quem resolve caminhar.

Um descampado.

Ou, como se diz por vezes, esta terra de ninguém. Mas toda a terra de ninguém há-de ser terra de alguém. Todo o lugar há-de ter lugar para conter um não-lugar.

Do seio do silêncio surge o mamilo da criminalidade.

Pneus a derrapar no asfalto, holofotes dançantes como batutas de luz no breu da noite, chapa que fecha, portas violentas, aspirações ofegantes e palavras entrecortadas. Ela interrompe o trajecto, medo, e esconde-se como pode. No meio do nada há um muro, pouco mais alto do que ela, mas com largura suficiente para se estirar no topo. Afaga o cimento húmido da noite. Recupera o compasso da respiração. Centra o olhar na Lua, como se para se equilibrar, num ponto fixo. Só com a espera e o tempo e o medo de descer se aborrece da Lua e repara então nas estrelas, tantas naquela noite. Há muito tempo atrás, em certa noite de luar enamorado, um qualquer grande amor de quem já nem sabia o nome explicara-lhe que olhar uma estrela é como viajar no tempo. Era como estar perante o passado, no presente. Perante uma luz que já brilhara faz milhares de anos. Ela nunca entendera bem essa ideia, apesar de a considerar bela: sempre que olhava o céu estrelado, era incapaz de ver nele o passado – era tão obviamente o futuro. O futuro era para ela, do âmago da sua energia adolescente e inspirada, tão luminoso quanto a Lua naquela noite. Para ela, o futuro é luz a brilhar a milhares de anos de distância, mas de forma tão intensa e tão veloz que brilha até ao momento presente.

Ela diz

que é dona de uma “*natureza utópica*”.

Mas as pessoas em sua volta dizem somente que ela vive na terra do trá-lá-lá.

- BUU!

- AH!

Caiu redonda no chão, um par de metros até ao chão, uma queda tão violenta em tudo nela menos o chão. A ele, como ao chão, não lhe doeu. Até disse

- Não devias andar por aqui a estas horas.

- E você não devia assustar assim as pessoas!

- Mesmo quando elas adormecem no meu muro?

- Este muro é seu?

- Este muro é de muita gente. Pode até ser teu. Quere-lo?

Ela fitou o muro cinzento de cimento, como se a ponderar. Mas estava sobretudo surpreendida com a questão.

- Não, obrigada.

Já erecta, meio atordoada, reuniu as suas coisas espalhadas pelo chão e apressou-se a seguir caminho. Dispensou cordialidade com aquele estranho tão estranho...

- Hei! Não queres levar o teu livro?

Gritou ele quando ela já ia longe e pequena no campo de visão. Percebeu a sua silhueta a revirar a mochila. Vociferar merda! mas não faz mal, de longe nem se ouviu. Caminhou de volta a ele

- “*Introdução à Astrologia*”...

- Sim. Obrigada.

- Gostas de Astrologia?

- Não sei. Ando a tentar perceber.

- Acreditas na Astrologia?

- É uma questão de fé?

Ele ficou silencioso. Ela despediu-se, mas novamente, não foi amável. Quando já ia distante, ele exclamou

- E este, não o queres?

Ela levou a mão à mochila. Chegou ao pé dele furiosa.

- Não deve haver muito que fazer aqui para além de construir murinhos a separar o nada do coisa-nenhuma, e fazer pouco de quem passa...!

- “*Utopias do século XXI*”...

- Sim. Já vi que sabe ler. Por favor, devolva-mo.

- O que buscas tu nestas leituras?

- Não sei. Ando a tentar percebê-lo.

- Acreditas em alguma destas utopias?

- É uma questão de fé?

Ele permaneceu silencioso.

Ela virou costas, furibunda pela situação, e duplamente furibunda por estar tão intrigada. Já lá longe, parou. O luar, a sinfonia delicada dos ruídos dos bichos e do roçar do vento nas folhagens e, fora disso, o silêncio. Aguardou mais um pouco e vasculhou na mochila – de que poderia ela ter-se esquecido mais?

O universo no meio do nada.

Acordou sem que a acordassem, alertada apenas pela sobeja curiosidade de ali estar, alertada para a evidência de já haver luz, e de poder ir perceber que lugar era aquele, com um muro ao centro, e pessoas a toda à volta. Levantou-se e saiu da tenda que haviam amavelmente improvisado para si. Mas, de facto, toda a gente dormia em tendas. Apenas que algumas eram tão grandes que se assemelhavam a casas. O mais invulgar era a forma como todos saíam e entravam sem aparente senso na tenda uns dos outros. Ela, por seu lado, não se atreveu, mas passeou contornando-as, espantada pela sua extensão e variedade. As pessoas pareciam não estranhá-la, se bem que também não passasse despercebida. Toda a gente lhe reagia com um vigoroso *Bom dia* e um sorriso aberto. Apenas as crianças pareciam perspicazes o suficiente para reparar na novidade da sua presença.

Reparou que as tendas tinham muitas vezes nomes assinalados à entrada. Começou a notar também que eram na sua maioria nomenclaturas de planetas: Sol, Urano, Quíron...

- BUU!

- AH!

Ele sorriu e deu-lhe um abraço. Um abraço que ela não esperava e que a deixou mais assustada que o Buu.

- Vá lá – disse-lhe, divertida – desta não estou em cima de nenhum muro!

Ele levou-a pelo braço até ao pequeno-almoço, luxuoso em frutas frescas, pão escuro, e sumos vários. Rico, sobretudo, na companhia.

(...)

Comunidades, tribos modernas, biótopos de cura, ecoaldeias...– nomenclaturas variantes para uma semelhante lógica laboratorial. Isto é, agregados de gente relativamente pequenos que acabam por metaforizar uma pipeta de ensaio num laboratório, um teste de vida, uma possibilidade alternativa, uma aspiração utópica de organização da vida humana.

- Porque é que as tendas têm nomes de planetas na entrada?

- Nem todas, só algumas.

- Sim, nem todas. Mas as que os têm – porquê?

- Essas são, justamente, as tendas das utopias.

- As tendas das utopias?...

- Sim, as tendas onde pessoas se dedicam a trabalhar as diferentes utopias. Ou julgas que te convidei a ficar só pelos teus lindos olhos...? Tinhas aqueles livros e...

- Mas...que utopias? Sociais? E trabalhar como?

- Todo o tipo de utopias. As utopias que iluminam a sociedade contemporânea, isto é, que brotam no espírito daqueles que serão num futuro muito breve os iluminados. É esse o trabalho que fazemos aqui, geramos condições para que esses iluminados se multipliquem.

Ele disse estas palavras atento aos cereais multicolor que tinha na malga à sua frente, e depois de as proferir, atento a eles permaneceu. Ela desviou o olhar da mesa, e da comida, e olhou em volta, pensando se não estaria talvez a cometer um grande erro, se não estava completamente deslocada e até incomodada. Receou ter vindo parar a uma daquelas tantas concentrações que surgem cada vez mais e por todo o lado, em que se confunde *zen* com amor livre, espiritualidade com *tofu* e incenso de várias proveniências. Reparou no ar tranquilo e pacífico das pessoas, e em como todas ostentavam uma postura direita e serena, sorrindo-se mutuamente; mas todos precisamente focados nas diferentes actividades que ali desenvolviam. Onde acaba a harmonia e começa a alienação?

- Não vais acabar a tua meloa?

- Hã?...

- A tua meloa, mal lhe tocaste. Se não te apetece, deixa-a aí. Vamos dar um mergulho na cascata!

- Não, não. Tenho fome. Fiquei só a pensar nas coisas que disseste...

- Ora, não penses nisso agora. Vamos dar um mergulho, e mais tarde já exploramos as tendas todas.

Assim podes ver por ti mesma. Boa?

- Boa!

Assim o fizeram.

Havia uma tenda para cada planeta – Sol, Lua, Mercúrio, Marte, Vénus, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno, Plutão, Quíron. Em cada tenda se trabalhava uma utopia diferente, e cada uma delas de forma diferente. Foram escolhidas as consideradas mais pertinentes à construção da nossa modernidade ou, mais justamente, à reconstrução da nossa modernidade. À partida, fez-se um esforço para se relacionar a energia de cada pensamento utópico com a energia do planeta correspondente. Mas cedo se descobriu que existem energias transversais. Cedo se constatou que existem aspirações humanas a serem trabalhadas simultaneamente em tendas diferentes. Que, assim como na Astrologia não é possível uma leitura estanque e descontextualizada de cada planeta, assim também não o é para cada uma das diferentes utopias que ali se esforçaram para distinguir.

Ainda assim, era possível passear de tenda em tenda. Foi o que eles fizeram, de cabelos a pingar sobre o algodão orgânico das suas roupas simples.

Até o Cosmos satura.

Não chegaram a caminhar por todas as tendas, pois tornava-se cansativo. Acontecia também que os trabalhos em alguma tenda podiam estar parados para uma refeição. A ela, pareceu-lhe óbvio que a urgência não marcava aqueles trabalhos, que as soluções propostas não eram pensadas para serem imediatas. Ficou com a nítida sensação de que as pessoas gostavam, sobretudo, de especular. De utopizar. É próprio da natureza humana usar dos recursos imaginativos e criativos do seu aparelho mental e cognitivo, deste modo encenando mundos alternativos, idílicos – para uns, dificilmente para todos. Mas *natural* é também a tendência inevitável para a desarmonia, para a tensão, para o conflito, para a discórdia. Era o que invariavelmente falhava em cada tenda. Ou, evitando a ideia menos encorajadora do falhanço, é o ponto onde os trabalhos deixam de ser construtivos e se tornam lutas de ego. É uma questão de tempo até que chegue o ponto em que alguém não concorda.

A tenda do Sol.

O Sol é considerado pela esmagadora maioria das culturas humanas como o Astro-Rei. É a luz que ilumina a Terra, a sua Identidade. É também o brilho natural e único de cada ser.

Na tenda do Sol fazia-se, simplesmente, meditação. Tinha sido a forma que aquele grupo de pessoas tinha encontrado para melhor trabalhar a Utopia do Eu superior, a Utopia da Iluminação Universal. Ela ficou sem saber como agir ou o que considerar de tudo aquilo. Pareceu-lhe uma forma demasiado passiva, demasiado autista de se tratar um tema universal. Mas também, ela sabia muito pouco acerca de meditação. Com a visita às próximas tendas percebeu que tudo o que se pudesse trabalhar literalmente neste espaço estaria redundantemente a ser trabalhado noutros. Onde se irá falar do fim da violência ou do aumento da longevidade, falar-se-á de um ser humano mais consciente, mais tolerante, mais em paz. E, nesse sentido, ela virá a concordar com esta decisão de, aqui na maior tenda de todas, *apenas se meditar*.

O Sol é o astro que, ao mesmo tempo que está só, irradia luz sobre tudo o que se encontra à sua volta.

Passando à porta da Lua, atraídos por Mercúrio, a tenda mais barulhenta.

Depois da estranheza que a tenda solar provocara nela, soube-lhe bem ver a parafernália de diálogos sobrepostos e de ideias em intercâmbio na tenda de Mercúrio. Pareceu-lhe conveniente à energia comunicativa e alerta do planeta. Mercúrio representa todas as formas de comunicação, o cérebro e a aprendizagem. Está ligado à forma como a mente percebe a experiência. Olharam-se e saltaram ambos uma gargalhada: sem dúvida que aquele par de dezenas de pessoas em troca frenética e calorosa de ideias era digna de umas asinhas nos pés!

Aproximaram-se de diferentes núcleos de discussão e perceberam que se discutiam utopias tecnológicas. As máquinas resolverão as distâncias, as discrepâncias, as variâncias que houverem a ser resolvidas. Discutem-se os limites do desenvolvimento, colocam-se problemas éticos, e surgem sempre espíritos ilimitados. Alguém defende, A erosão analógica da personalidade é uma das maiores perversidades do tempo que vivemos. A discussão, aqui, era fácil. A um canto, um homem carismático reúne a atenção dos seus circundantes divagando acerca do poder e das possibilidades abertas pela concretização da utopia da telepresença, da virtualidade, da ubiquidade. Vamos estar em toda a parte.

As tendas de Vénus e Marte tinham entradas simétricas. Das leituras introdutórias que tinha feito sobre Astrologia, Marte dizia-lhe mais que os restantes planetas. Ela era, por excelência, uma pessoa aguerrida. Ele, no entanto, entrou em Vénus. A tenda mais inebriante de todas, explicou-lhe, mas também aquela onde a discussão era mais desviante e com tendência ao infinito. Como ela era afecta a convicções, entrou em Marte. Sentou-se ao lado de uma senhora muito morena, muito bela, que prontamente lhe sorriu e ofereceu uma folha. Seria porventura o tema da discussão, mas estava em Esperanto, e dali tirou pouco. Mas

- Não é preciso estudar muito Astrologia para saber que aqui se vai falar de guerra!
- Claro que não.
- Como não? Marte? Agressão! Acção! Virilidade!
- Mas é guerra que esperas para o século XXI? Achas que estas pessoas vinham de todos os cantos do mundo para vir discutir estratégias bélicas?
- Não...

De facto, concentrou-se no discurso monocórdico do orador e deu-se conta de que em Marte se equacionavam os caminhos para a Paz no Mundo. O fim da incivilização. O fim da violência.

O discurso era interessantíssimo, e sentiu que poderia abdicar das restantes tendas para poder ficar ali indefinidamente. De qualquer forma, não via quantas mais utopias podiam existir. Mas sabia que havia ainda bastantes planetas. E se as tendas inominadas resolvessem ser estrelas, e se as estrelas resolvessem representar não utopias, mas ideias inspiradoras, tinha ali material para uma vida.

Só deixou Marte, horas mais tarde, quando ele veio desafiá-la a continuar.

- Então, e o que se trabalha em Vénus?

- Amor livre.

Ela ficou visivelmente constringida e incomodada.

- O quê? Que achas tu que é o amor livre? Que ideiazinhas macacas tens tu aí sobre a coisa?

- Não, nada. – disse, corada.

- Não, nada? Amor livre é muita coisa! Talvez não seja é essa parafernália de idiotices que te meteram na cabeça no sítio donde vens. Bem...donde eu venho...

Desculpa, esquece. Não queria ser injusto. Desculpa.

Ela sorriu. Caminharam em silêncio para o conjunto final de tendas, que ficava mais afastado, sobre a colina. Na subida, ofegantes, ele sentiu ainda necessidade de explicar-se melhor:

- As pessoas com que eu passei a tarde acreditam num futuro em que o Amor é livre de repressão e de medos. Em que as relações humanas se baseiam na transparência e no respeito mútuo. Foi muito interessante, percebes? Falou-se nos diferentes papéis atribuídos aos sexos na sociedade de hoje, nas expectativas que ainda temos uns em relação aos outros, falou-se na reformulação desses papéis, falou-se de androginia...falou-se...sei lá...de maternidade e de ambos os sexos poderem ter filhos. De sociedades polígamas e de fidelidade. Falou-se de ciúmes e de...

- Agora sou eu quem te deve um pedido de desculpas. Quando me disseste que o que se trabalhava em Vénus era o amor livre calculei que tivesses passado a tarde a fazer de tudo menos falar. Fui preconceituosa. Desculpa.

- Estamos quites, então!

E foi assim que entraram em Júpiter, onde se lia à entrada *“Bem-vindo à utopia das utopias. É favor entrar descalço”*

Júpiter

é o planeta da imensidão. Liberdade e Verdade são dois dos seus valores base. Fé, tolerância e a libertação em direcção a uma realidade maior que o próprio indivíduo.

O exterior de Júpiter (uma tenda de lona branca igual a todas as outras tendas de lona branca em volta) não poderia deixar adivinhar o seu interior. Sim, isso passara-se até agora em todas as tendas, mas em Júpiter o deslumbre era mais sublime. Pelo menos foi assim que ela o sentiu. O ar estava inundado por uma qualidade inominável, não incensífica, indescritível. As pessoas estavam calmas, falavam baixo, oravam, meditavam ou dançavam em pequenos grupos. Em alguns grupos debatia-se a utopia da transcendência a planos superiores, modelos sociais assentes acima da condição humana, contrapunham-se religiões e ponderava-se a hipótese de uma fé universal. A utopia de um só Deus, de uma só fé, de uma humanidade unida até no plano transcendental poderá ser das utopias mais importantes do século seguinte. Com o colapso das posturas laicas e a profusa fragmentação das ideologias, sem um modelo viável por parte das ciências sociais e humanas, cresce um hiato, um vazio passível de ser preenchido pelas religiões. Estas, desde sempre se alternam entre o fervor e a quase indiferença. Como vivemos agora uma fase de indiferença, pode ser que o novo século traga o fervor: uma religiosidade estendendo-se pela superfície terrestre e inundando de sentido e chamando à acção vastas hostes humanas.

A sensação com que ela saiu da tenda Jupiteriana era de que Júpiter rege de facto a utopia das utopias.

Saturno e as distopias.

Porque tudo o que é engrandecedor e inspirador tem um lado sombrio (como cada planeta nos influencia positiva e negativamente) nesta tenda discutia-se mesmo isso, o deslize das utopias. As distopias.

Saturno é um planeta algo pesado, ou intenso, relacionado com o poder, estruturação, responsabilidade, tradição, envelhecimento, gravidade ou até a decência. Esta é a tenda onde facilmente se cai no fatalismo ou no pessimismo. Onde se cita Orwell, e outras literaturas do desencanto. Ela sentiu uma quebra eufórica, mas concluiu que esta seria sempre uma tenda essencial, no sentido em que evita que

todas as outras utopias se percam no espaço sideral. Aqui, discute-se também uma utopia muito especial, e já algumas vez proclamada – a utopia do fim das utopias.

Num futuro distópico, as próprias utopias serão proibidas, os indivíduos serão chamados a encarar a realidade como ela é, ou seja, inexistente – e portanto determinada por quem de direito. Neste futuro densamente enegrecido, as utopias existirão sob a forma de contrabando: o mercado negro dos sonhos.

Urano

É um planeta recentemente descoberto à cerca do qual não se sabe assim tanto. A rebeldia, pelo contrário, é qualquer coisa que se conhece milenarmente, e que foi profusamente comentada. Urano está ligado à rebeldia, à ausência de limites, aos avanços sociais ou tecnológicos revolucionários. Num ponto integral ou extremo, isto é, num ponto utópico, Urano representa a utopia anárquica. A insustentabilidade da anarquia como forma de organização e as possibilidades de vida que ela representaria era o tema do aceso debate que decorria na tenda de Urano.

Mas eles permaneceram em Urano pouco mais de alguns minutos. Não era caso de cansaço, pois a estimulação criativa típica do pensamento utópico são suficientes para nutrir e manter acordado qualquer um. O facto é que se fazia noite, e começou a crescer nela uma preocupação, uma necessidade de voltar. Faltavam-lhe ainda três tendas – Neptuno, Plutão, e Quíron.

- Receio que sejam horas de voltar. Estou sem dar notícias há demasiado tempo. Estou preocupada.

- Mas ainda agora começámos...

- Eu sei. Entristece-me. Mas... de que se fala nas tendas que nos faltam?

- Ora, vai lá e vê.

- Não sejas assim. Tudo isto foi fascinante ao máximo... posso voltar amanhã?

- Podes voltar sempre que acreditares.

- Mas é uma questão de fé?

E pela terceira vez desde que se conheceram ele respondeu a esta pergunta com o seu silêncio.

E em silêncio desceram a colina.

- Em Neptuno fala-se sobretudo de globalização. Não só globalização económica, mas uma possível unificação de valores, de crenças, de costumes.

Ela reagiu à descrição com um esgar de rejeição.

- Pediste-me para relatar o que lá se passa! Sabes que é tarefa inglória: não dá para sintetizar a energia de um planeta inteiro integrado numa galáxia, integrada num cosmos, integr...

- OK, OK! E em Plutão?

- Em Plutão ouvi ser debatida a utopia da abolição do mercado, num dia, e a utopia do fim da pobreza, noutro. Plutão tem a ver com transformação profunda – e “*plutos*” é a palavra grega para riqueza.

- Sério? Não sabia...

- Quíron achei uma barafunda. Mas é uma tenda divertida. Irias gostar.

Ela olhou o chão.

- Como não se sabe assim tanto à cerca da energia de Quíron, apenas recentemente descoberto, estabeleceu-se que em Quíron se discutiriam todas as utopias que estejam a ser negligenciadas nas outras tendas. Basicamente as pessoas vão lá sugerir novas utopias: às vezes é muito interessante, assistes ao nascimento de ideias originais e refrescantes à cerca do mundo; mas às vezes é bastante ridículo. Toda a gente partilha tudo aquilo que lhe vem à mente. Quando lá estive discutia-se a utopia do vegetarianismo, que me diz muito, pois é um sonho meu bastante antigo. A utopia da imortalidade. A utopia do poderio cósmico, isto é, a terra como sede da galáxia. Quíron acabou por ganhar um papel predominante nos nossos trabalhos, uma vez que sobretudo se discutem ali políticas ecológicas e desenvolvimento sustentável. Se bem que, como pudeste notar, discute-se tudo em todo o lado.

- Sim. O anseio utópico é uno. Muda de forma e diverge de sentido, mas o que lhe está na essência é comum a qualquer modelo utópico, nesta tenda ou na outra, neste século ou no próximo.

- Exacto! Eu sabia que não tinha sido só pelos teus lindos olhos que decidi trazer-te aqui...

Ela sorriu. Mas ainda olhava o chão. Tomou consciência do quão comovida estava por se ir embora, mas pensou que seria ridículo chorar. Ele devia estar a pensar algo semelhante. Mas, mais expedito, sugeriu:

- Anda daí, levo-te de volta à paragem.

(...)

Às vezes nos laboratórios as coisas não correm como se esperava que corressem. Surgem variáveis que não tinham sido previstas aquando dos cálculos no papel. Surgem factores que nem poderiam ter sido

previstos *a priori*. Às vezes no laboratório as experiências falham.

Mas isso não impede a comunidade científica de continuar a tentar.

“Era o que invariavelmente falhava em cada tenda. Ou, evitando a ideia menos encorajadora do falhanço, era o ponto onde os trabalhos deixavam de ser construtivos, e se tornavam lutas de ego.

Era uma questão de tempo até que chegasse o ponto em que alguém não concordava.”

Era uma questão de tempo

Numa das tendas – e pode ser em qualquer uma das tendas – um grupo de pessoas tenta definir *tempo*. O mais eloquente e carismático dos intervenientes (não necessariamente o mais próximo de alguma verdade) declara

Se o tempo for apenas mais uma unidade de medida mental, como tantas outras, as consequências sobre a ideia de passado e futuro são importantes. O passado torna-se uma evocação de um presente que já não é presente. E o futuro é uma ideia de como será o presente quando as circunstâncias actuais se alterarem. Os conceitos de passado e futuro obviamente existem, mas meramente como ideias, não como locais. Nesse sentido, estar a pensar no futuro como se um lugar, é estar a pensar num presente que simplesmente ainda não se materializou. Ou, mais profundo ainda, sem a existência do tempo, tudo existe com um carácter instantâneo. Aceitando isto, tanto o pensamento como o conhecimento são também eles instantâneos. Logo, a *aprendizagem* como a entendemos não tem sentido. Ou seja, se não há nada a aprender *depois*, é porque já sabemos tudo.

As pessoas em volta trocaram olhares. Um quantas inspiradas, outras intrigadas, outras ainda preocupadas.

Viver. Não envelhecer. Não adoecer. Não sofrer. São desejos válidos de se ter. São anseios humanos. Anseios partilhados com a trepidação do autocarro sobre o asfalto: um mesmo percurso gasto e repetido pelos dias todos os dias todos os autocarros. Mas nem todos os passageiros: esta vai de cabeça encostada ao vidro, exausta mas satisfeita. A sonhar – não envelhecer, não adoecer, não sofrer. Um mundo mais equilibrado. Menos disparidades. Menos violência – paz. O fim da fome, o fim da guerra. Nem todos os passageiros de cabeça contra o vidro. E o autocarro ainda soluçante e ainda pensamentos como não adoecer, não sofrer, o fim da fome, o fim da guerra, o fim da carreira –menina, menina! Acorde – é o fim da carreira, tem de sair.

Acordou estremunhada. Não podia ter-se deixado dormir outra vez. Saiu. Ficou na paragem na esperança de sair logo um veículo na direcção oposta. Não fazia ideia onde estava. Caixotes dormitórios a fingir de habitação, e cafés fechados. Até o toque do seu telemóvel lhe pareceu estranho:

- Está..?

- Onde é que estás?! Estás meia hora atrasada! A conferência está prestes a começar!

Onde estás?! Estás perto?!

- Meia hora? Só?! Conferência? Que dia é hoje? Que horas são?

- É dia da senhora doutora descer do planeta onde vive, e vir dar a palestra a estas largas centenas de gente que contam consigo...

- Claro, claro...claro que sim...conferência...confirma-me só: de que é que eu vou falar?

- Oh Meu Deus, não me mudes de tema *outra vez*...! Peço-te!

Concordaste em fazer aquele paralelo entre a astrologia e as principais utopias para o próximo século! Toda a gente achou uma ideia fresca e interessante, estavas toda animada... de que queres tu falar agora?!...

- Disso mesmo. Os planetas e as utopias. Parece-me uma ideia com sumo.

Conta comigo.

- Ótimo! Fico aliviado...e esta gente toda aqui, expressamente para te ouvir, também.

Resta saber, quando contas chegar aqui?

- Muito em breve, muito em breve. Chego aí num instante.

Na realidade ela não sabia onde se encontrava, nem para onde tinha de se dirigir. Mas calculou que lá chegaria num qualquer futuro, que iria encontrar modo de materializar no presente. Afinal de contas, o futuro é uma energia de outro planeta a bilhar a anos-luz de distancia, até ao presente, e as utopias de amanhã são

agora.

